PIONEIROS

Depois da inauguração, depois de tudo, até da morte de JK, para muitos ficou apenas a saudade dos bons tempos. Para outros, ainda o ainda do entusiasmo de continuar a construir esta cidade, torná-la melhor, mais feliz.

Os que ficaram ainda têm esperança

ERNESTO

Vícios iguais a outra capital

«Aqui não existe sistema médico-hospitalar. O que há é um aglomerado de postos de serviços médicos públicos, de ministérios e outras entidades sem nenhuma vinculação, de onde decorre um grande prejuízo para os cofres públicos e para a população. Há uma disseminação de postos sem uma filosofia de trabalho». Esta opinião é de Ernesto Silva, um dos pioneiros de Brasília, primeiro diretor da NOVACAP e responsável, nos primeiros anos da capital, pelos planos de educação, atendimento médico-hospitalar e de abastecimento.

Para ele, esses planos — como o plano urbanístico — foram cumpridos em apenas 50%, e cada vez são menos considerados pelos homens que se sucedem na administração do Distrito Federal. «O planejamento, explica Ernesto, era moderno, econômico e útil para a população e para o país, com sua praticidade. O de abastecimento, por exemplo, era muito simples, e poderia fornecer alimentação a toda a população do DF. No entanto, nem saiu do papel».

A idéia das miniprefeituras desenvolvida em algumas superquadras havia sido considerada pelos homens que planejaram a cidade, mas só foram implantadas recentemente. Ernesto acredita muito na validade dessas iniciativas, ressaltando que a comunidade deve escolher seus dirigentes. E lamenta a desativação dos Conselhos Comunitários, encarregados de escolher o secretariado do Distrito Federal.

Em suas críticas às administrações do DF, Ernesto lembra que já conheceu cidades-satélites em vários outros países, e que nenhuma delas corresponde às cidades situadas ao redor de Brasília, que considera simplesmente «uma maneira de se jogar para longe as pessoas pobres, que perdem o direito de morar perto de seus locais de trabalho». A idéia das cidades-satélites em si é louvável para Ernesto, porém considera desumana a maneira como é aplicada aqui.

SONIA

À cidade, a bênção de Oxalá

Sônia Gomes de Oliveira, 45 anos, uma negra baiana, de Amaralina, veio para Brasília em 1960, juntamente com todos os apetrechos que caracterizam as vendedoras de acarajés da descida do Bonfim, em Salvador. Ela hoje se orgulha de ser a pioneira dos acarajés na capital de todos os brasileiros.

Como todo nordestino, Sônia chegou a Brasília em busca de novas oportunidades. E não se arrepende de ter deixado as ruas de Salvador pelas ruas de Brasília. Segundo ela, é grande o número de baianos na capital federal, como também é grande o número de pessoas que admiram a cozinha baiana. Talvez seja por isso mesmo que Sônia mantém uma grande freguesia, atendendo «até por telefone», como informa.

Nos fins-de-semana, desloca-se logo cedo de sua casa, no Guará, para colorir o curioso comércio livre da Torre de Televisão. Para os turistas que visitam o local, é uma amostra da Bahia, um pedacinho da terra dos orixás em cada acarajé. Por isso, Sônia procura ser autêntica, fiel aos costumes e às tradições de sua gente mística.

— «Aqui o que faço é novidade. Além disso tem a gente de minha terra que aprecia um bom acarajé. Tenho uma grande freguesia, e acho que estou bem melhor aqui do que estaria se estivesse na Bahia», comenta ela.

Durante os dias normais da semana, Sônia coloca o seu tabuleiro que tem, além dos acarajés, cocadas, pé-de-moleque, bolo de mandioca e tapioca. E para chamar a atenção do povo, todo o colorido da Bahia: saia rendadas, brincos e colares e o pano nas costas. Tudo isso, de fato, faz com que o povo pare, curioso. Principalmente os não nordestinos. Daí ela aproveita: «Acarajé com camarão, seu moço?»

Nos intervalos comerciais para almoço ou lanches, em dias normais da semana, ela tem uma freguesia infalível, no seu ponto do Setor Comercial Sul. «Aqui tem gente de todo canto, e todo mundo tem um tipo de vida diferente. Mesmo assim, tenho muito o que agradecer a esta cidade». E o que deseja para a cidade no seu aniversário? «Uma bênção de Oxalá. Apenas uma coisinha: que o governo diminua o custo de vida na cidade, como também resolva os problemas de moradia».

HELENA

Plano de saúde era perfeito

Aos 26 anos a médica recém-formada Helena Salles trocava o seu bem montado consultório no centro de Belo Horizonte por um barraco de madeira no acampamento da Construtora Metropolitana, que ajudava a construir Brasília. Isto aconteceu em maio de 1959 quando seu marido, o engenheiro Eugênio Salles foi convidado para participar da construção da nova capital.

Ela conta que no início "a vida aqui era muito dura. As vezes eu trabalhava 24 horas por dia, sem descanso". Mesmo assim, afirma que "tudo era maravilhoso. A gente sentia o espírito de luta que havia em todos e o próprio meio proporcionava uma grande aproximação humana, solidariedade e muito aconchego". Relembra com saudades o grande número de crianças que ajudou a nascer e ainda as "curas" de solidão e desespero que eram comuns em algumas mulheres que acompanhavam os maridos e não se adaptavam à vida da cidade que nascia.

Para ela o maior exemplo de solidariedade que viu, na época da construção, foi um caso que atendeu: a mulher de um engenheiro — muito jovem e muito rica — veio visitar o marido quando esperava o seu primeiro filho. Houve uma antecipação do parto e a criança acabou nascendo num pobre barraco de madeira, em cima de uma cama de candango. A médica conta que a mãe do garoto não tinha sequer um pedaço de pano para enrolar o filho. Então, todas as famílias do acampamento presentearam o bebê com peças de roupas usadas de seus filhos.

Helena Salles, que hoje é coordenadora do programa de saúde pública da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, afirma que, para ela, Brasília é como a filha que viu nascer e crescer. Disse que obteve tudo que esperava da cidade. "E a terra que promete e dá".

Helena Salles acha que Brasília foi construída para ser o espelho do Brasil e que a cidade tem todas as condições necessárias para isto.

AMÁBILE

"Começaria tudo outra vez"

"Podia-se dormir ou sair de casa deixando portas e janelas abertas. À noite, quando chegava algum parente de outra cidade, buscávamos colchões emprestados dos vizinhos. Não havia perigo, pois todos se conheciam". Essa descrição foi feita por Amábile Andrade Gomes, a primeira professora a lecionar no Distrito Federal, e corresponde a um dos aspectos da capital brasileira, nos idos de 1957.

Amábile é goiana, de Itumbiara e veio para cá, acompanhada do marido e de seus dois filhos pequenos, entusiasmada pelo que Brasília poderia trazer para a região Centro-Oeste. Sua família, em Goiás, assustou-se inicialmente com a vinda de Amábile para um local que tinha fama de ser apenas "um deserto", mas acabou por aceitá-la, ao receber cartas da professora, informando que o acampamento onde vivia (situado nas proximidades do atual zoológico) era um local tranquilo e que já dispunha até de um posto médico.

O primeiro local onde Amábile lecionou foi a sala de reuniões dos diretores da NOVACAP, improvisada em sala de aula, com uma mesa grande, em forma de U, em volta da qual os alunos se sentavam, e um quadro-negro. O material didático foi conseguido aos poucos, trazido de Goiânia e do Rio de Janeiro.

Quando a "escolinha" atingiu os 150 alunos, divididos em dois turnos, foi inaugurada a primeira escola do Distrito Federal, Júlia Kubitschek, por volta de setembro de 1957.

Para a professora Amábile, de lá para cá, não mudou só a tranquilidade dos brasilienses. Também a convivência das pessoas se modificou. Ela conta que "aqui, vivia-se como uma família. À noite as pessoas se encontravam em um restaurante para conversar e tocar violão. Era um restaurante de madeira, o único do acampamento. Ou então iam ao cinema, também de madeira e que ficava no Núcleo Bandeirante, construído em 1957".

Amábile não leciona mais, ao contrário dos seus tempos de pioneira, quando dava aulas para todas as séries e disciplinas, ocupando agora o cargo de Assistente de Direção do Ensino Regular da Fundação Educacional do Distrito Federal. Ela tem os cabelos grisalhos e seus dois filhos já estão casados. No entanto, diante da pergunta sobre se começaria tudo outra vez em Brasília, ela responde: "Tranquilamente".

LUIZ HUMBERTO

"Ainda acredito no futuro"

Luiz Humberto, que trocou a arquitetura pela fotografia, é um amante de Brasília e sofre com as atitudes predatórias das administrações que por aqui passaram massacrando a cidade, deixando bem claro que "não vieram para ficar, mas para ganhar dinheiro e ao término da sua gestão voltar à cidade de origem".

Ele disse que "no dia que Brasília tiver voz própria e puder eleger seus representantes, inclusive governador, dias melhores virão. Não podemos aceitar que a Associação Comercial do Distrito Federal assuma o cargo de Assembléia Legislativa. Duvido que ela tenha intenção de resolver os problemas da Capital quando o seu presidente (Lindberg Aziz Cury, dirigente da Planalto de Automóveis) tem um pacote de solicitações ao governo, e entre elas está a de transformar a área verde que separa as quadras comerciais das residenciais, em estacionamento para veículos automotores. Essa atitude demonstra o total desconhecimento da finalidade do verde".

Luiz Humberto disse que não acredita "no progresso em termos matemáticos, ele é algo de dentro para fora que não se verifica com a metragem de terreno possuída por cada um na península sul, ou no carro do ano" e continuou "o progresso tecnológico não trouxe, como era de se esperar, progresso ao homem, pelo contrário, ele está lhe causando sérios problemas, como podemos observar com os transtornos recentemente gerados pela usina atômica nos EUA".

Brasília é fruto da inteligência brasileira em seu nível mais alto, e está permanentemente em choque contra os interesses mais mesquinhos das pessoas, as mais desaparelhadas, que a administram.

HILDA SAYÃO

"Acho Brasília um milagre"

Brasília que faz hoje 19 anos já tem, apesar da pouca idade, lendas, mitos e folclore particular. Dentre os mitos, grandes e verdadeiros, valiosos pelo seu desempenho encontramos o nome do engenheiro Bernardo Sayão, que faleceu na construção da estrada que povoou seus sonhos: a Brasília-Belém.

Sua esposa, Hilda, que veio para estas terras em 1956, contou um pouco do passado, vivido com aquele homem "bonito, de olhos verdes, um desbravador", um pouco do presente, e como vê o futuro na Capital Federal.

"Quando o ex-presidente Getúlio Vargas idealizou a **Marcha para o Oeste** queria um homem capaz de desenvolver seus planos. O chefe do Gabinete Civil de então, Luiz Simon Lopes, disse que tinha o homem: meu marido Bernardo Sayão. E nós viemos do Rio de Janeiro, para o lugar que hoje se chama Ceres, e ele fundou a primeira Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Isso tudo na época da guerra. Foi quando Bernardo verificou que a safra produzida não tinha escoamento para os demais estados do país por falta de estradas. Aí surgiu-lhe a idéia da Brasília-Belém. Hoje, uma realidade. Eu nunca tive coragem de conhecê-la mas dizem que era muito bela e que agora está muito desmatada. É uma pena, Bernardo adorava a natureza. Deviam criar o Ministério da Ecologia."

Entre a Colônia Agrícola e Brasília, muita coisa se passou. Em 1956 Bernardo era vice-governador do estado de Goiás quando foi chamado para vir para cá.

Até 1957 Hilda só vinha a Brasília nos fins de semana, pois não havia escola e suas crianças estavam estudando. O ano de 1958, com a fundação do Ginásio de Brasília, ficou marcado como a vinda definitiva da família Sayão. Os engenheiros, os arquitetos e alguns professores e professoras ministravam aulas no ginásio para toda a população interessada.

"Acho Brasília um milagre. Ela deu vida às outras cidades circunvizinhas, e mesmo as de estados mais distantes. Os problemas que ela enfrenta no momento também se devem ao fato de que foi planejada para 500 mil habitantes e hoje possui o dobro. Mas uma coisa está cravada na história, ela abriu o coração do Brasil e a Brasília-Belém, sonho de Bernardo, é a espinha dorsal deste país.

ARTUR

De tudo restaram lembranças

«Só tive vontade de abandonar Brasília depois da inauguração da capital, quando se dispersou toda a família que havíamos constituído enfrentando as dificuldades juntos, no começo da construção da cidade». A declaração é do pioneiro em Brasília, Artur Salviano Filho, vindo de Anápolis em 1957.

Hoje Artur ocupa o lugar de diretor do cadastro financeiro do governo do Distrito Federal e lembra com saudades dos fins de década de 50, quando trabalhava com gerente do Banco do Crédito Real de Minas Gerais na antiga Cidade Livre, de onde saia todos os fins de semana para caçar passarinhos, fugindo um pouco da poeira das construções.

Apesar de ter enfrentado problemas próprios de uma cidade em fase de construção, como o abastecimento de frutas e legumes, luz elétrica, poeira e a distância da família, o pioneiro nunca teve vontade de deixar a capital nessa fase difícil. A vontade chegou quando os amigos se dispersaram para residir no plano, desmembrando a grande família que haviam formado, com a convivência humana do dia-a-dia. Artur disse que há amigos que não vê há mais de quinze anos, mesmo sabendo que estes residem em Brasília.

LEMBRANÇAS

Uma das várias lembranças guardadas por Artur é o primeiro jogo de futebol acontecido em Brasília, sob patrocínio do gerente. O Guará Futebol Clube venceu o Fluminense de Araguari por dois a zero, num campo improvisado nos fundos do galpão da Novacap. O jogo reuniu quase toda a população de Brasília da época.

Segundo Artur, os programas que se podia fazer na época era jogar buraco com amigos, à luz de velas ou lampiões ou sair para fazendas para caçar passarinhos, que «hoje praticamente inexistente num raio de pelo menos 500 quilômetros». Para os solteiros, havia a opção de ir até Anápolis procurar aventuras amorosas.

Já havia em Brasília até 1960 oito bancos com objetivo de auxiliar as construções da capital, pois desde que estas começaram já havia um prazo determinado para sua conclusão, segundo Artur. O problema encontrado por todos os bancos era a falta de cartórios de protesto e registro de imóveis. Os negócios eram feitos na base da confiança, baseando-se na palavra do cliente e de amigos deste, Apesar disso, declarou Artur, «não ocorreu nenhum caso de prejuízo, nem nunca foi preciso protestar nenhum título atrasado».

A maior das lembranças foi a grande festa de inauguração da cidade, «um verdadeiro delírio, com festas para todo lado, o povo junto, sem discriminações, satisfeito por ver sua obra concluída. O presidente Juscelino Kubitschek reuniu-se com o povo em frente ao Palácio do Planalto para agradecer aqueles que ajudaram a tornar o sonho Brasília realizável».

MAESTRO LEVINO

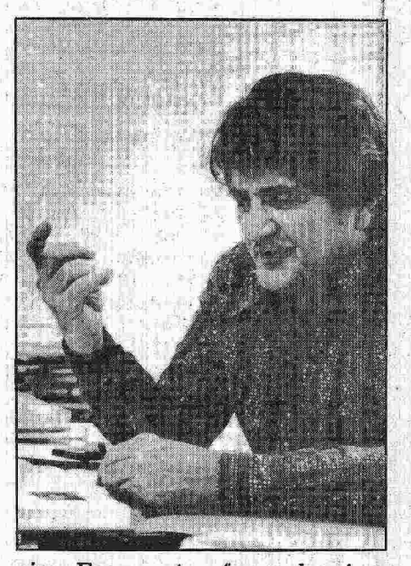
"Música era matéria opcional"

"Brasília não tinha passarinho, nem flores, nem menino com instrumento musical na rua. Eu lutei muito por isso, e quando da criação da Escola de Música, meu sonho, fiz questão que não faltassem jardins, lagos, aves, plantas e flores. Ela atende todas as necessidades do jovem em nível de primeiro e segundo graus. Hoje, apesar de Brasília já ter muito do que falei, me atemoriza a atitude das pessoas em relação às artes", disse o maestro Levino Alcântara, que vive em Brasília desde 1957.

Ele enfatiza ainda que "pode ser muito bonito o projeto Aquarius, mas arte é vivência diária. É preciso que a administração de Brasília coloque no seu calendário uma chamada para que todos os órgãos públicos, inclusive escolas, tenham atividades musicais, para que se crie o hábito e o prazer pela arte".

— Música é privilégio de quem quer. Porque essa bobagem de todo mundo ter que ser profissional? Quanto mais amadores tivermos, melhor, mais ouvintes e melhores profissionais conseguiremos obter, disse o maestro, esperando que esse seja o futuro de Brasília, cidade que viu nascer com uma grande esperança de que aqui os jovens fossem desde cedo incentivados à praticar qualquer atividade artística.

Levino lembrou que "antigamente a música era uma matéria opcional nas escolas, havia um horário para as artes; a sua retirada do currículo escolar fez com que não houvesse uma mensagem eficiente. Naquela época havia corais escolares que participavam dos Concertos para a Juventude e outros programas a ela dedicados, de maneira maciça. Era uma boa forma de orientarmos, de educarmos os jovens".



Com um semblante saudoso, o maestro contou que em 1957 formou o primeiro coral em Anápolis e Goiânia, que veio a Brasília para animar os trabalhadores no Núcleo Bandeirante. "A imagem daquele dia jamais me sairá da lembrança. E a partir daí eu dizia para a garotada: vamos nos preparar pois quando Brasília precisar, já estaremos prontos".

No dia da inauguração o coro infantil de 80 meninos que ia cantar com a Orquestra Sinfônica de Brasília, regida pelo maestro Eleazar de Carvalho esperou todo o dia uma condução que os trouxesse a capital, mas ninguém foi buscá-lo". Mesmo assim eu me considero como participante dos festejos inaugurados, pois estávamos aqui em pensamento", atesta ele.